

TRAJETÓRIA DE UMA PROFESSORA EM BUSCA DE UM MÉTODO

ou

A verdadeira história da Maria Professora de 1ª e 2ª graus

MARIA APARECIDA BUSSOLOTTI

Professora da E.E.P.G.

"Júlia Lopes de Almeida".

Caro Professor Newton:

Não sei se esta é a melhor forma de fazer um relatório. Mesmo assim, vamos lá.

O seu pedido era para que relacionássemos os conceitos vistos em seu curso, com algum trabalho prático que tivéssemos elaborado ou que viéssemos fazendo como professores. Pois bem, a despeito da minha carência no campo metodológico, consegui realizar um trabalho que se tornou o meu preferido, em 1976, numa escola pública de São Paulo.

No entanto, sinto necessidade de começar relatando o que eu fazia, quais eram as minhas expectativas, incluindo aqui, então, seu outro pedido para que fizéssemos uma análise da situação de ensino.

Havia começado a lecionar no antigo curso primário, em 1958 e 1959, primeiro numa escola de emergência, em São Caetano do Sul, que se resumia numa garagem cedida por um centro espírita, com 30 alunos, com idades que variavam de 6 a 14 anos, para serem alfabetizados. Terror! a miséria material, a carência cultural, afetiva, tudo is

so era muito para os meus ineficientes 19 anos, apesar de ter feito um bom Curso Normal no Instituto de Educação Caetano de Campos. Como lidar com essas crianças? Só foi possível fazer um trabalho assistencialista, fornecendo-lhes lanche (pão, banana, e algumas vezes laranjas), agasalhos (sentia-me envergonhada de ir agasalhada, vendo-os roxinhos de frio) com o dinheiro arrecadado em uma igreja que meu pai freqüentava. Claro que só consegui alfabetizar 40% mais ou menos da classe, o que me fez perder a vaga. A segunda experiência foi totalmente inversa, em um colégio particular, num bairro de classe média, em São Paulo, com uma classe de apenas 8 alunos, numa faixa etária homogênea. Fácil a aplicação do chamado "método global" para alfabetização, muito em voga na época. Claro está que consegui alfabetizá-los com "sucesso" do próprio método. Mas a conclusão foi a de que eu não servia para o magistério, que entre me sentir errada, culpada pelos pecados cometidos, principalmente na primeira experiência, eu preferia abandonar a carreira (além dos muitos entraves para se conseguir aulas) e procurar um trabalho mais burocrático que rendesse o suficiente para me sustentar.

Porém, não tardei a perceber que a insatisfação era grande, havia necessidade de buscar uma formação melhor que abarcasse as inquietações do meu espírito. A entrada na Faculdade de Filosofia (1967) se deu por caminhos tortuosos, interrompendo o curso de Estudos Orientais (na época muito ligado às Ciências Sociais e História) e voltando mais tarde em 1971, quando o curso havia sido integrado no Departamento de Letras, tendo, portanto, concluído meu curso em Letras Português-Russo, quando o interesse primeiro pela Sociologia. Relato essa passagem para que fique clara, depois, a minha atuação em sala de aula como professora de Português.

O retorno à faculdade permitiu-me entrar em contato novamente com o magistério, dado que o campo de trabalho imediato se restringe ao ensino de 1º e 2º graus.

Pois bem, assim foi que, apesar de não ter feito ainda a licenciatura, em 1972 ingressei no ensino público catando aulas daqui e dali, totalmente inexperiente tanto em relação ao conteúdo de língua, como em relação a uma possível metodologia para o ensino de língua.

Encontrava, na época, uma situação igualzinha a que encontrara em 1958; escola de periferia, pobreza, "desnível cultural e com a agravante da repressão". Que fazer? Os conflitos haviam aumentado, mas já me encontrava mais amadurecida e consciente quanto aos meus objetivos na vida. Sabia intuitivamente, pode-se assim dizer, o que era bom para os alunos; podia captar meus erros mais rapidamente e buscar soluções ou orientações com colegas mais "profissionalizados". Por uma questão de sorte consegui permanecer numa mesma escola por um espaço de quatro anos (sabemos todos que a situação de professor não concursado é de eterno rodízio), até que ela fosse integrada à rede municipal de ensino, quando tive de sair em busca de outra escola. Foram anos de aprendizagem, e melevando cada vez mais à reflexão, não sem crises sobre o meu papel de educador. Digo educador porque, isso era bom, não consegui jamais desvincular a idéia de que ser professor era antes de tudo ser educador. Então, isso fazia com que abrandasse no meu relacionamento com os alunos, a linguagem autoritária do professor - por que não dizer própria do papel que assumimos, quer por ignorância, quer por insegurança ou por abuso mesmo do poder adquirido quando entramos na instituição, inconscientes do conservadorismo da escola. Muitas vezes fui alertada por alunos: "A senhora fala muito difícil".

As questões, então foram se colocando:

1. havia um grande distanciamento entre a minha linguagem e a dos meus alunos, isto é, era impossível me fazer entender, eram dois universos totalmente diferentes;

2. que me conscientizara de fato, sem, contudo, achar uma solução para o problema;

3. as tentativas em torno de um método, ou melhor, uma técnica adequada - seja adotar livros ou não, trabalhar só com textos, com os famosos exercícios estruturais, trabalhar em grupo ou não - não adiantavam nada;

4. havia uma programação a ser vencida, diga-se de passagem, que nunca atingiu o seu final;

5. que as aulas do diurno eram totalmente diferentes das aulas do noturno e que era suficiente fazermos o que vínhamos fazendo até ali: um planejamento único, uma programação única para a escola;

6. que a expectativa dos alunos, que depositavam enorme confiança nos professores, como se eles pudessem resolver os problemas de sua formação, era muito alta e, portanto, caindo os dois, professor e aluno, no vazio - não havia mudança nos comportamentos;

7. qualquer tentativa no sentido de chamar a atenção dos colegas para a situação do ensino era frustrada com um "não questione muito para que as nossas reuniões terminem logo", não há dúvida de que se havia instalado o dar-de-ombros para qualquer mudança, quer individual ou gradual seja por apatia ou por temor;

8. e que tudo isto se resumia numa sala de professores queixosos, mas somente contra seus alunos e que isto não podia aguentar e da qual precisava me afastar, fazendo com que me aproximasse cada vez mais de meus alunos, procurando seus valores, sua linguagem, sua cultura.

Creio que a lista dos problemas vai longe e que estes foram episódios que me marcaram muito, levando-me a perceber que o que sustentava a minha atuação dentro da sala de aula era a afetividade que nos unia - creio que base para a percepção do outro. Chegava, então, a alguns

conceitos, empiricamente:

1. só poderia partir para uma ação educativa se me dispusesse a conhecer o concreto da linguagem de meus alunos, isto é, seu universo lingüístico, reflexo de sua cultura;

2. que a ampliação desse universo não fosse por um padrão de língua imposto por minha formação burguesa;

3. mas, sim pela troca de universos, já que havia necessidade também da ampliação do conhecimento de outras realidades; assim estariam conhecendo sua realidade e segundo aquela que lhes era imposta pelos programas, essencialmente gramaticais, ou a massificação pelos meios de comunicação;

4. antes de ensinar os mecanismos e funcionamentos da língua era preciso trabalhar a "linguagem" - o alcance da língua me fez descobrir a linguagem - entendida como manifestação individual e coletiva;

5. o fato de se ter introduzido como área de estudo a "Comunicação e Expressão" não havia mudado em nada, pois que esses conceitos eram manipulados pelos livros didáticos de forma rasa, abrangendo sempre sua estrutura, nunca a profundidade social, cultural e filosófica, por assim dizer, da integração humana;

6. a escola era a principal barreira para qualquer troca de experiência, era um sistema fechado que respondia e atendia a um sistema maior, isto é, utilizava-se dos mesmos esquemas de dominação do sistema capitalista como um todo. presentes nas avaliações, na "disciplina" escolar rígida, na orientação dos planejamentos, nas festas cívicas encabeçadas pelos chamados "orientadores" de Educação Moral e Cívica e seus Centros Cívicos;

7. ao lado disso, as contradições que permitiam que se furasse esse esquema rígido, falseando assim

uma atuação que poderia ser positiva, por exemplo, as APMS, as reuniões pedagógicas, as recuperações, etc. colocadas no papel, nos livros de atas como uma coisa bem feita e organizada porém não passavam de válvula de escape os professores que viam nesses momentos a oportunidade de tapar os buracos de sua fraca atuação em sala de aula, ou melhor, no relacionamento com os alunos. O ensino, por baixo apodrecia violentamente.

É com esse nível de consciência, agora já alardeada para quantos quisessem ouvir, que cheguei a uma fila, numa Delegacia de Ensino, para cavar aulas em alguma escola, em algum ponto da grande São Paulo. Consegui aulas em um bom colégio do Parque Continental. Lembro-me de que não cheguei a entender sequer o nome da escola e que alguém na saída me dizia: "Ouvi por aí que a diretora é muito boa". Lá fui eu, introduzindo-me a medo, enfrentar mais uma vez o elefante branco da instituição escolar. Realmente, como pude observar em seguida, a escola diferenciava daquilo que eu conhecia até ali (durante os movimentos grevistas, de 78 e 79, pudemos constatar até 2 ou 3 escolas funcionando num mesmo prédio e com diversas administrações). Chamou-me a atenção a maneira como estava sendo conduzida a famosa reunião de planejamento: uma direção segura e presente nas discussões e, pela primeira vez, abria a boca para expor a situação do ensino e traçar alguns objetivos que me pareciam possíveis de serem alcançados para um trabalho mais profissional ou mais decente.

Porém as dificuldades começaram a aparecer, pois que as contradições não estavam encerradas nos muros da escola. A escola fora criada para satisfazer as necessidades de um parque imobiliário, falseando a idéia de "comunidade" que era vendida a metro, consumida por uma classe média vinda de todos os pontos de São Paulo em busca de uma propriedade valorizada pelo verde e o "sossego das mães". Daí que encontramos os alunos do curso diurno

com ideário altamente competitivo, carentes culturalmente e exigindo da escola o mesmo que exigiam da imobiliária (a sua propriedade) em contraposição a um curso noturno com alunos vindos dos bairros vizinhos mais pobres. (Detenho-me mais na caracterização desse colégio, pois foi aí que pude elaborar o trabalho citado no início do texto).

É nesse quadro que começo a atuar como professora do 2º grau, buscando orientação com os colegas com experiência em escolas particulares, para a elaboração de um programa, técnicas e uma bibliografia possível (às vezes recorria aos cadernos de minha filha que na época cursava a 1ª série do 2º grau na rede particular). Oscilava, portanto, no primeiro contato com os alunos, porém não tardei a perceber que precisava elaborar um trabalho com eles, que me permitisse, a partir daí, criar condições para o ensino da língua, literatura e redação.

Foi de uma explosão dentro da classe, onde foram jogadas, de forma chocante, como alguns disseram mais tarde, as avaliações que eu fizera de seu nível cultural, da escola e do papel do professor e dos próprios alunos, que nasceu a idéia de trabalhar a linguagem. Começamos por analisar os meios de comunicação, principalmente a televisão, como o mais conhecido meio que atuava na formação cultural deles. Foi da oportunidade desse trabalho que pude me aproximar mais dos alunos e muito importante, da professora de Educação Moral e Cívica, que desenvolvia um processo de estudo do Homem, da cultura, através de textos literários e científicos. Daí à proposição de um trabalho conjunto foi um passo apenas. Basicamente estávamos seguindo do mesmo princípio de educação, qual seja, o grande interesse que tínhamos pelo desenvolvimento daquelas criaturas, com um potencial muito bom, porém camuflado pela linguagem diminuta dos "tudo bem", "legal", "jôia".

Da observação, da análise de todos os pro

gramas de T.V. seguindo um roteiro, até a visita aos estúdios da TV-2, pudemos juntos descortinar a televisão como um meio de comunicação e a sua função social. Ficava claro, então, que a "massificação" da cultura produzida pelos meios de comunicação estava intimamente envolta por uma ideologia que não permitia nos aproximarmos de uma possível linguagem que fosse própria de T.V. Esse processo de descoberta das "linguagens", pois concomitantemente trabalhávamos com um jornal mural, abria caminho para que os alunos entendessem o conceito de cultura e estivessem mais receptivos à leitura e à literatura. Porém, não foi o suficiente. Da avaliação feita nessa época chegamos então ao livro O apanhador no campo de centeio e de textos sobre a adolescência que teve como objetivo fornecer aos alunos elementos que os auxiliassem a se perceberem quanto às alterações físicas, psicológicas e culturais porque passa o adolescente. Acreditávamos que, a partir do contato com um personagem que guarda em si características que os mesmos tinham e da conseqüente identificação com esse personagem, os conceitos estudados em Educação Moral e Cívica, concomitantemente seriam melhor assimilados. Através da leitura, os mesmos fariam uma abordagem da adolescência na cultura americana, estabelecendo os pontos e divergências com a nossa cultura. Nesse sentido, estaríamos trabalhando o conceito de relativismo cultural, padrões de comportamento, processo de socialização, significado e funções das instituições, família e escola. Foi com base nesses elementos levantados que organizamos um curso que fornecesse aos alunos meios que subsidiassem a análise do trabalho.

Estávamos pisando, assim, o terreno da linguagem de nossos alunos, desvendando com eles o seu mundo, o seu universo lingüístico. Não tenho medo de dizer que, naquele momento, acertávamos em cheio com um método de ensino. Ademais, revirávamos o esquema rígido das aulas

que era substituído por um trabalho de plantões de atendimento, (compensadas nesses horários). No que se refere ao ensino de língua e literatura, via-os como base para a aquisição do conhecimento, pois para tornar a língua objeto de estudo deveria mesmo passar por essa etapa de desvendamento da linguagem como conhecimento de si e do mundo, o que, em condições favoráveis, pode se dar no mesmo momento.

A partir desse instante estávamos prontas para atender esse trabalho para outras disciplinas, integrando um projeto de síntese anual. Para as primeiras séries do segundo grau, o trabalho condensou-se num "boneco" de jornal composto de textos orientados pelos professores das várias áreas e diagramado sob orientação de Educação Artística. Foi com a segunda série do segundo grau que trabalhamos com a análise do livro de Salinger, com integração das outras áreas elaborando, porém, um projeto de seminários para outras (outras áreas) a síntese anual. Deixo aqui em anexo a cópia do projeto já sistematizado, embora não possa anexar também as pesquisas feitas pelos alunos do 2º Grau - 1a. e 2a. séries - que pudemos desenvolver um trabalho junto às professoras do primário, num projeto de recuperação dos alunos das quatro séries iniciais que encontravam dificuldades na assimilação dos conteúdos para a sua promoção. Orientamos os nossos alunos para serem monitores na aplicação dos exercícios de recuperação. Inicialmente trabalhamos com atividades artísticas para em seguida, introduzirmos os exercícios específicos de Português, Matemática, Estudos Sociais e Ciências. Desenvolvemos também um ciclo de palestras e projeções, durante o mês de agosto e setembro, nas comemorações de folclore e semana da pátria, com a presença de físicos, teatrólogos, indianistas, estudantes de comunicação (cinema), envolvendo os alunos nas apresentações, como a do Bumba-meuboi, A pena e a Lei, e buscando sempre os temas relacionados com os conteú

dos conteúdos nos programas da escola.

O esforço desenvolvido por toda a equipe de alunos, professores, orientadores, diretora, secretários, serventes, tornava essa escola privilegiada dentro do contexto geral da rede pública de ensino. E é nesse sentido também que esse trabalho se desvaloriza pois que a sua aplicação se resumia a uma escola somente, dependendo somente de uma direção consciente, que soube valorizar seus professores, oferecendo-lhes condição e orientação para um trabalho, volto a dizer, pelo menos decente, naqueles momentos. Digo isto, porque já no ano seguinte tu do iria por água a baixo, com a transferência da direção e o eterno rodízio dos professores. Havia prestado concurso de ingresso e escolhera aulas em outra escola. A companhia de Educação Moral e Cívica ficara também com suas aulas reduzidas, não sem antes ficar sob a ameaça de desemprego. A debandada foi geral e, mais uma vez, caímos no vazio. De minha parte, resolvia com a afetivação a minha situação funcional, porém passava ao declínio profissional com incrível ligeireza. Os alunos, pelo que eu soube é que, até 78, houve uma evasão de, pelo menos, 500 deles.

Concluimos com muita revolta que, assim como os vocacionais, os experimentais e aplicações da vida, também atuáramos "particularmente", sem possibilidade de estender essas experiências para toda a rede pública de ensino e que, portanto, não podíamos avaliar realmente os métodos empregados, embora tivessem sido sempre aproveitados, oportunamente, pela rede particular de ensino que dá ao menos as condições básicas para a atuação do professor, ou melhor, exigem que sejam bons profissionais garante a maioria egressa dessas experiências na rede pública (vide cópia da publicação do boletim nº 6 do SERASP).

No entanto, o declínio da minha atuação nas escolas, precisamente mais três, a participação como banca examinadora no concurso de ingresso ao magistério; a busca de uma pós-graduação (haveria aqui talvez, algumas observações sobre a realidade universitária), levaram-me a aprofundar e dirigir a minha consciência crítica, a enxergar os problemas de metodologia de ensino, não mais isolados, mas inseridos na questão maior da política educacional do país. Isto pode ter se dado, no início, de uma forma talvez simples ou ingênua, porém, aguçada nos movimentos grevistas de 78/79, onde pude crescer novamente, recuperando um pouco de minha dignidade profissional, melhores condições de vida e trabalho.

Acredito que a busca de um método só poderá surgir dessas lutas de categoria, porque a aplicação deste ou daquele método implica no grau de "compreensão" da realidade, como dizia o professor Covian, o que nos leva à uma prática efetiva como educadores, numa ação conscientizadora do homem enquanto ser histórico, social e político. Além do que, pude observar durante as greves, que aqueles professores que atuavam politicamente bem, tinham também boa atuação em suas escolas, cuidavam de sua formação intelectual e profissional, mesmo dentro do limite imposto pelas 44 aulas semanais e um salário irrisório. Basicamente o que leva a agir assim é que seu interesse pelo aluno vai além desse aluno, e está no fato de tê-los como seres para além do seu papel social de aluno, condição dada pela escola.

Sem o pedantismo das citações, só me cabe reproduzir aqui o que diz Antón Makarenko: "Acho que a educação é a expressão do credo político do pedagogo e que os conhecimentos que ele possui cumprem apenas um papel auxiliar. Apresentem-me todos os métodos pedagógicos que quise rem. Não serei capaz de fazê-lo, alguém que já venha sendo anteriormente um reacionário".

Um abraço

Cida